

# Porque Deus nos amou primeiro

Irmão Paulo Petry, fsc - Provincial de São Paulo -Presidente da CLAR

“O fato de todos serem chamados a se tornarem santos não pode senão estimular ainda mais aqueles que, pela própria opção de vida que fizeram têm a missão de recordá-lo aos outros” (*Vita Consecrata*, 39).

## O rosto de Deus no rosto da comunidade

Em nossas comunidades religiosas, somos chamados a construir com simplicidade e humildade, relacionamentos saudáveis, modelos de sociedade viáveis e testemunho de comunidades críveis, onde pessoas possam encontrar-se consigo, com os irmãos, com a criação e com o Criador. Daí a importância de, em nossas comunidades religiosas, proporcionar espaço físico apropriado, espaço interpessoal livre e libertador, espaço missionário aberto e profético, espaço espiritual e místico, onde as pessoas possam crescer e fazer crescer, onde seres humanos possam reconhecer-se como filhos de um mesmo Pai amoroso

e compassivo, irmãos entre si, comprometidos com a defesa e promoção da vida, seres chamados a colaborar na grande obra da criação, sendo co-criadores com Ele, o único Absoluto de nosso existir.

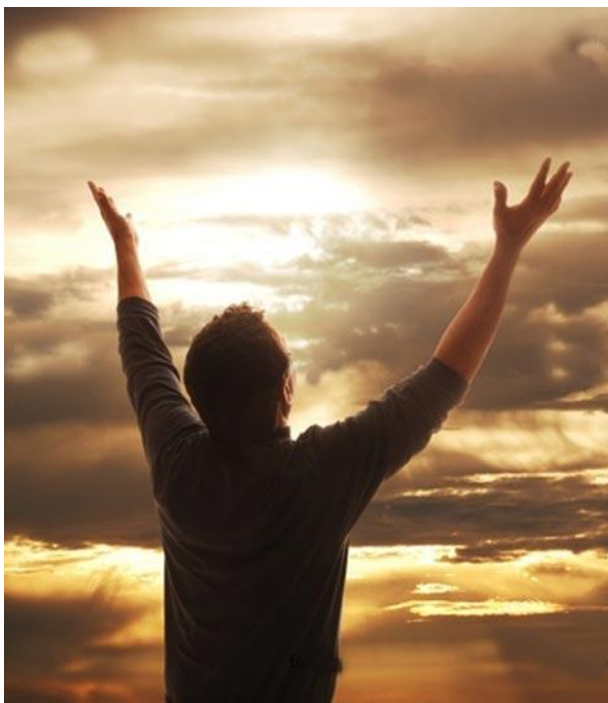
No Evangelho segundo Mateus, Jesus nos ensina a agir com simplicidade, a reconhecer nossa pequenez, aconselha-nos a ser humildes e na simplicidade confiar em Deus: “Olhai os pássaros do céu: não semeiam, não colhem, nem guardam em celeiros. No entanto, o vosso Pai celeste os alimenta. Será que vós não valeis mais do que eles? E por que ficar tão preocupados com a roupa? Olhai como crescem os lírios do campo. Não trabalham, nem fiam. No entanto, eu vos digo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um só dentre eles. Ora, se

Deus veste assim a erva do campo, que hoje está aí e amanhã é lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, gente fraca de fé?” (*Mt* 6,26-30).

Segundo o psicólogo social irlandês Diarmuid O’Murchu, MSC, vivemos um momento mágico, momento de encontro, de conhecimento e de revelação. Contudo,

somente reconheceremos o maravilhoso, o brilho da criação, o esplendor das criaturas, quando aprendermos a apreciar tudo com a sabedoria dos simples, quando soubermos contemplar a realidade com os olhos da fé, quando formos capazes de deixar-nos surpreender pelo Deus dos pequenos e humildes, que se expressa sem estardalhaço e se revela sem complicação. O tempo que nos toca viver em comunidade é também mágico porque Deus continua revelando-se em rostos diferentes, feitos à sua imagem e semelhança, e que convivem conosco, lado a lado. Deus continua revelando-se através de suas criaturas todas que constituem o cosmos, tanto nas mais simples quanto nas mais complexas, nas pequenas e nas grandes, tanto nas expostas quanto nas escondidas.

Temos que admitir que Deus continua revelando-se também em nossas comunidades religiosas, seja no rosto daqueles que encontrarmos hoje, seja no rosto que se revelará na comunidade amanhã. Talvez seja uma revelação manifestada por meio de rostos nunca antes sonhados por nós. Quem sabe, hoje Ele se revela no rosto do Irmão Diretor, no rosto do Irmão jovem, do adulto, do Irmão ancião, do enfermo, do sadio, no



rosto do Irmão em plena atividade ou no do aposentado... Creio ser desta forma que Deus revela sua imagem e semelhança em nossas comunidades. Assim, cada encontro comunitário, cada refeição, oração ou reunião, cada missão, passeio ou momento de lazer é ou deveria tornar-se um encontro mágico, e mais do que isto, um encontro dos filhos de Deus em busca da santidade, que sonham um mundo melhor, que juntos constroem o Reino de Deus.

Olhando para os Irmãos que conformam nossas comunidades, para aqueles que convivem conosco hoje e que constituirão nossa futura comunidade, teremos uma imagem, ainda que limitada daquele que nos fez à sua imagem e semelhança. A vida em comunidade certamente pode fazer crescer em nós a fé no Deus da Vida, que ali se revela. A consagração em comunidade certamente fortalece em nós a esperança e a certeza da chegada de um mundo melhor, já que a comunidade é formada por pessoas que, como nós, consagram suas vidas a Deus, e mais do que isto, são por Ele consagradas para juntas testemunhar os valores do Reino, e em nosso caso, consagradas para conduzir os jovens e as crianças à santa presença de Deus. Reconhecendo no Irmão o rosto compassivo de Deus, sentimo-nos desafiados a ser, também, compassivos para com nossos Irmãos de comunidade, compassivos com os seres humanos em geral e compassivos com toda a criação, que nas palavras do Apóstolo Paulo “está

gemendo como que em dores de parto, até o presente” (cf. *Rm* 8,22). Para reconhecer em nós o rosto de Deus, seria bom assumir primeiramente os traços de compaixão e bondade que o Deus da Vida revela em Jesus Cristo. Aqui falamos de compaixão, não de complacência. Por vezes podemos confundir estes dois conceitos.

Ser compassivo é sentir com, padecer com o outro, sofrer com situações degradantes que vive grande parte da humanidade, chorar com a criação que nós mesmos ajudamos a destruir. Ser compassivo é tomar a atitude de Jesus Cristo que “Ao ver as multidões, enchia-se de compaixão por elas, pois estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor” (*Mt* 9,36).

Deste modo, Jesus mostrou-nos como é Deus, Seu e nosso Pai, e desafiou-nos a sermos como Ele: “Sede compassivos como o vosso Pai é compassivo” (*Lc* 6,36).

## Compaixão e Autoridade

Na comunidade, o Irmão compassivo ajuda o Irmão a levantar-se, ajuda a própria comunidade a seguir o rumo certo, sofre com as limitações humanas, busca caminhos de superação para si, para o outro, para a comunidade. Na formação continuada, sugere e busca viver dinâmicas que ajudem a superar todo sofrimento,

angústias, medos, competições e rivalidades.

Na missão pessoal e comunitária, o Irmão compassivo assume processos que promovem a vida, o respeito, a solidariedade, a justiça e a criatividade. Assume processos que fazem o amor crescer, viabilizando espaços comunitários harmoniosos e fecundos. No serviço de animação comunitária, esta mesma pessoa encontra meios de transcender o simplesmente humano, para com os Irmãos buscar o divino, vivê-lo em comunidade, testemunhá-lo na sociedade e revelá-lo ao mundo.

Será que já experimentamos o amor e a compaixão como o poder capaz de transformar? Talvez aí resida a verdadeira identidade da autoridade dentro da vida religiosa, ser compassivo e amoroso, e usar o amor e a compaixão como as únicas “armas” capazes de converter o Irmão, construir a comunidade e transformar a sociedade. Ao assumir qualquer missão, o Irmão que deseja imitar o Mestre compassivo, o Bom Pastor do



rebanho, abominará o poder/domínio, evitará todo anseio pela vã glória e autopromoção, e no exercício da autoridade buscará servir em vez de ser servido. “Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto.” (Jo 12,24).

Recentemente falando com a Irmã María Eugenia Ramírez, Congregación de Religiosas de la Asunción, Presidente da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Equador (CER), comentávamos a ação coordenada e promovida pela Vida Religiosa da América Latina e do Caribe, em favor do Haiti. Durante a nossa reflexão sobre quem deve coordenar, animar e representar a VR, e quem deve exercer a autoridade em ambientes como a CLAR ou as Conferências Nacionais de Religiosos e Religiosas, Irmã María Eugenia me dizia: *“Tú y yo sabemos que es un trabajo en gratuidad, a fondo perdido, una apuesta por esta vocación tan querida, y por este Dios que no nos deja el alma tranquila”*.

## Compaixão X Complacência

Ser compassivo não significa aceitar tudo de todos para evitar algum possível mal-estar, constrangimentos ou indisposições com o irmão, com a comunidade ou com a Congregação. Tampouco a compaixão admite a construção de comunidades “mais ou menos”, comunidades frágeis com pessoas “boazinhas”, com gente que não é nem fria, nem quente. Consagrados ao Deus da Vida, Ele, o compassivo, o bondoso, é ao mesmo tempo o exigente, o firme, Aquele que nos confia uma missão, e que nos dá os dons para assumi-la com fidelidade, radicalidade e criatividade. Ao mesmo tempo, bondoso e compassivo, suas palavras podem parecer-nos duras e exigentes quando descreve o compromisso que espera de nós: “Conheço a tua conduta. Não és frio, nem quente. Oxalá fosses frio ou quente!” (Ap 3,15).

Voltemos agora nossa atenção à complacência! Como é que a complacência afeta a nossa vida espiritual, a nossa fraternidade e a nossa missão? A complacência pode gerar falsa segurança, pode criar uma fé que não aquece nem arrefece, criar uma fraternidade artificial que não sustenta a vida em comunidade, uma missão pouco profética que muito provavelmente dará frutos ilusórios e quase sempre passageiros. O livro dos

Provérbios nos diz que: “A indocilidade dos inexperientes os matará, e a segurança dos tolos acabará com eles” (Pr 1,32). Pela complacência predispono-nos através de atitudes e comportamentos a aceitar resignadamente “algo” nos outros, que comprovadamente está errado, aceitar de forma passiva “algum traço indesejado de um Irmão”, que reconhecemos ser incorreto, apenas para sermos agradáveis, ou para evitar que o Irmão nos faça cobranças presentes ou futuras no que diz respeito a nossos próprios comportamentos e atitudes. A complacência pode eventualmente destruir-nos, tanto pessoal quanto comunitariamente, e aqueles que a confundem com a compaixão tornam-se presas fáceis das arapucas que armam para si próprios.

Ao contrário da complacência, a compaixão é exigente, busca superar em nós mesmos e nos Irmãos de nossa comunidade as limitações humanas para, em termos empresariais, buscar a excelência, e em termos teológicos, transcender-nos e conformar-nos com o divino que está no mais íntimo de nós. Ser compassivo por vezes exige enfrentamentos, ser compassivo compromete, envolve e pode tanto levar-nos ao choro quanto ao riso. Se nos importamos com o Irmão, temos que importar-nos com ele, enfrentá-lo quando se desvia da presença de Deus. Devemos enfrentá-lo e fazê-lo enfrentar seus medos, egoísmos, indiferenças, e com ele envolver-nos no caminho de retorno ao Pai.



E este envolvimento, este compromisso compassivo com o Irmão é o que pode tanto provocar o choro quanto o sorriso. Às vezes provoca o choro do desespero pela incapacidade de saber lidar com o outro, de conseguir acessar o outro em seu modo de ser; o choro da luta insana contra as forças adversas; o choro de alegria no reencontro do irmão perdido. Outras vezes, provoca o sorriso pela conquista da confiança do Irmão, mesmo que em meio a palavras exigentes, ásperas, duras e diretas; o sorriso da contemplação do rosto do Irmão que se levanta da queda e encontra seu verdadeiro “eu”; o sorriso da alegria que se revela no reencontro do filho com o Pai, no reencontro da criatura com o Criador, no reencontro da imagem com quem a imaginou.

Ser comunidade compassiva, testemunhar algo do infinito mistério divino ao mundo, exige de cada pessoa consagrada doação plena de si. Isto é, cada Religioso ao ser consagrado ao Único Absoluto, consagra os dons que dele recebeu, oferece o pouco que conhece e traz em si do todo outro que se revela nele. Em comunidade, cada um dando e revelando o que Deus pôs no mais profundo do seu ser, somos capazes de nos aproximar mais e mais do santo e insondável mistério divino. A autora do livro *“Making the shift – Seeing faith through a new lens”*, Irmã Elaine M. Prevallet, SL, norte americana, do alto dos seus 74 anos nos diz como compreende, ou melhor, como no decorrer de sua vida ela se aproxima do Deus

de bondade, do Deus compassivo e que se revela em nós, em nossa comunidade, na natureza, no cosmos:

“Nós somos o universo agora tomando consciência de nossa capacidade de experimentar uma misteriosa transcendência: o santo mistério que subjaz nas profundezas da criação como sua Fonte. A capacidade de experimentar a transcendência é o dom que recebemos como seres humanos, e aponta para a nossa responsabilidade, nosso papel humano de participantes conscientes e compassivos do movimento contínuo da vida. Não podemos nem explicar, nem nomear adequadamente este Santo Mistério. Mas podemos, isto sim, cada um de nós, conhecer algo dele. Eis a questão diante de nós: O que é que você conhece? Como você tem conhecido Deus? Que palavras você deveria encontrar para dizer o que você conhece ou supostamente conhece?” (Prevallet p. 31).

Convido todos os Irmãos a assumir nossa vida comunitária como oportunidade ímpar e instância excelente para tomar consciência da santa e constante presença de Deus, tanto entre nós, em nosso espaço comunitário, quanto na realidade que os cerca. Conscientes desta presença,

uma presença criativa, bondosa e compassiva, assumamos como nossos os compromissos de fazer da comunidade e da realidade que nos cerca a grande experiência de vida, a grande experiência de defesa da vida do ser humano, a defesa da vida do meio em que vivemos, a defesa da vida do planeta, a defesa da vida em todas as suas manifestações. Isto o faremos na medida em que, compassivos com todas as criaturas, reconhecermos que “o universo é a comunhão de sujeitos, não uma coleção de objetos” (Diarmuid O’Murchu).

Sujeitos se respeitam, objetos são usados. Defenderemos a vida se conseguirmos descobrir no Livro do Gênesis as orientações do nosso Pai e Criador, e assumi-las com filial carinho. Afinal, ao nos conceder este lar, o Pai compassivo e criativo nos fez à sua imagem e semelhança, e, por conseguinte, nos quer governando a terra, e não a explorando, a destruindo e a espoliando.



## Compaixão iluminada pela Palavra

Desde o Gênesis até o Apocalipse, encontramos tantas e tantas pessoas simples, umas mais, outras menos humildes, patriarcas, profetas, apóstolos, que defendem a vida, defendem todos os princípios que promovem a vida, e orientam a própria vida de forma simples. Irmãos, tendo diante de nós esta “nuvem de testemunhas” e motivados pelo atual horizonte inspirador da CLAR possamos também nós “ouvir a Deus onde a vida clama”, em nossa comunidade religiosa, na escola, na cidade, na natureza e no universo que constituímos com todas as demais criaturas.

Sendo a Palavra de Deus uma presença constante em nossas comunidades, podemos dizer que Ela, mais do que ser algo central de nossa vida, de nossa comunidade, Província ou Instituto, deve ser transversal. A Palavra de forma transversal estará presente e iluminará cada

projeto, cada ação, cada passo que dermos ao encontro do Irmão. A Palavra presente transversalmente em nossa vida nos acompanha em nossa missão, quando através da educação abrimos caminhos para que jovens e crianças tenham acesso ao conhecimento, ao saber e à pesquisa, para tornar-se cidadãos responsáveis e filhos que conscientemente optam pelo plano de amor do Pai.

Presença constante e permanente em nossas comunidades, a Palavra atravessa e ilumina também os relacionamentos dos Irmãos, ilumina e penetra o ser de cada membro que constitui a comunidade... Mas para isto não podemos fechar-nos em nós mesmos, não podemos fechar-nos à luz divina, não podemos obstruir a ação do Espírito. Se o Deus da Vida nos fala primeiramente através das Escrituras, se a sua Palavra é a que nos invade e perpassa todo nosso existir, não podemos esquecer-nos de que iluminados somos chamados a iluminar.

certezas e inquietudes. Oxalá um dia, com este exercício de diálogo, partilha e escuta, aprendamos a ouvir as vozes uns dos outros, para, em seguida, ouvir também as maravilhosas vozes do universo, por meio das quais se revelam os grandes mistérios da existência.

Anseio pelo dia em que todos tenhamos a oportunidade de aprender a escutar a voz dos rios e das montanhas, a voz do mar e da floresta. Tomara que consigamos reconhecer a presença do Espírito nos campos, nas árvores e nos pássaros. Que todos possamos falar destas criaturas como falava Francisco de Assis, chamando-as não de coisas, mas de irmãs e irmãos. Que igualmente possamos celebrar a presença e o mistério divino em toda criação, que se revela em cada nascer e pôr de sol, na brisa e na água fresca, na praia e na vastidão do deserto, na imensidão dos oceanos, nas noites escuras iluminadas pelas estrelas e pela lua, nos dias aquecidos pelo irmão sol ou fecundados pela irmã chuva.

## Compassivos com nosso lar comum

Tendo ouvido a Palavra, somos chamados também a ouvir o Irmão, ouvir a comunidade, a realidade, todas as criaturas que conosco compõe a obra perfeita do Criador. Treinemos, portanto, continuamente o ouvido e aprendamos a partilhar sentimentos, emoções,

“Se Deus existe o que mais importa?” Irmã Elaine M. Prevallet transfigura esta interrogação em afirmação, e a expressa de outra forma: “Se Deus existe tudo importa”. Aceitando esta afirmação, terei que descobrir minuto a minuto, a cada instante, a cada novo amanhecer como e onde minha própria vida pode participar graciosamente neste processo milagroso.



## Conclusão

Deixo aqui o desafio a que em nossas comunidades aprendamos a encontrar-nos para ouvir o universo e traduzi-lo ao mundo atual em forma de poema, pintura, drama ou celebração. Secundando uma vez mais Diarmuid O'Murchu podemos afirmar que "Sol nascente e sol poente são momentos místicos do ciclo diário, momentos quando o universo cheio de magia e encanto se revela a si mesmo com especial intimidade. Individualmente e relacionados entre si, estes são os momentos em que podemos experimentar o mais alto grau do significado da existência". O Deus bom e compassivo se apresenta a nós em cada amanhecer, apresenta-se a nós no encontro com o Irmão, apresenta-se ao mundo através de nossas comunidades que o acolhem, o reconhecem no partir do pão, e o levam a todas as nações.

Compassivos e criativos, a exemplo do nosso Criador, unamos forças para reconstruir um mundo ameaçado pela cobiça, a ganância e o desamor, celebremos a possibilidade de ser os protagonistas da renovação humana, em seu realinhamento com a grande ordem do universo, e protagonistas no respeito para com cada ser criado pelo Deus de amor, de bondade, e que ama o belo, a justiça e a verdade.

Entendamos o universo como uma grande celebração e a nossa comunidade como uma das formas de louvor dentro desta grande celebração. Em nós, o

universo celebra, em nós, o universo se torna consciente da presença divina, presença compassiva, atuando para curar e unificar. Por meio de nós o universo se dá a conhecer, em nós ele exige criatividade, compromisso e respeito. Mais do que esperar que os cientistas descubram um modo de salvar nosso planeta, mais do que esperar que os políticos arranjem soluções duvidosas, participemos, Irmãos, na sinfonia universal ou na renovada presença do ser humano na imensa liturgia cósmica.

## Questionamentos

1. Como traduzir em nossa vida pessoal e na vida comunitária os ensinamentos compassivos de Jesus Cristo?
2. Será que já experimentamos o amor e a compaixão como o poder capaz de transformar? De que forma e em que ocasiões?
3. O que é que você conhece de Deus? Como você tem conhecido Deus? Que palavras você deveria encontrar para dizer o que você conhece ou supostamente conhece?
4. Qual a sua participação na vida da conferência religiosa de seu país? Qual sua contribuição partilhada no cuidado do nosso lar comum?
5. Na missão que nos foi confiada quanto empenhamos de compaixão e em que medida somos complacentes?

## Referências bibliográficas

- RUBIO, Alfonso García. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- O'MURCHU, Diarmuid. *Consecrated religious life – The changing Paradigms*. Quezon City: Claretian Publications, 2006.
- PREVALLET, Elaine M. SL. *Making the shift – Seeing faith through a new lens. A cosmological and evolutionary faith perspective*. Copyright 2007, Nerinx, Kentucky, USA.
- KEARNS, Lourenço. *A teologia da vida consagrada*. Aparecida: Ed. Santuário.
- Equipe de Reflexão Bíblica da CRB. *Caminho para a vida em abundância – Uma leitura de João em perspectiva de festa*. Porto Alegre: Gráfica Editora Pallotti, 2009.